



TRANSFORMAÇÕES E ACRÉSCIMOS NA FORTUNA CRÍTICA DE LIMA BARRETO

TRANSFORMATIONS AND ADDITIONS IN THE CRITICAL FORTUNE OF LIMA BARRETO

Fernando Rodrigues da Costa¹

RESUMO – Este artigo realiza uma comparação entre a fortuna crítica de Lima Barreto a partir de alguns pontos relevantes destacados em romances e crônicas do autor. A análise também trata de questões pertinentes ao início da república no Brasil, tais como as transformações ocorridas no país e as relações que Lima Barreto articulou no período. A leitura dos textos passa pelos estudos de Francisco de Assis Barbosa, Antônio Arnoni, Lúcia Miguel Pereira, Alfredo Bosi, Carmem Lúcia Figueiredo e Lilia Schwarcz, contrapondo e examinando os pontos de vista entre os críticos.

PALAVRAS-CHAVE – Lima Barreto; Fortunas Críticas; Pré-Modernismo; Século XX.

ABSTRACT – This article compares the critical fortune of Lima Barreto based on some relevant points highlighted in the author's novels and chronicles. The analysis also deals with issues relevant to the beginning of the republic in Brazil, such as the transformations that occurred in the country and the relationships that Lima Barreto articulated in this period. The reading of the texts goes through the studies of Francisco de Assis Barbosa, Antônio Arnoni, Lúcia Miguel Pereira, Alfredo Bosi, Carmem



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

Lúcia Figueiredo e Lilia Schwarcz,
contrasting and examining the
points of view among the critics.

KEYWORDS – Lima Barreto;
Critical Fortunes; Pre-Modernism;
20th Century.

Introdução

A literatura brasileira produzida no início do século XX tende a ser compreendida como uma breve preparação para o modernismo paulista e sua culminância na Semana de Arte Moderna de 1922. Esse espaço temporal de redimensionamentos é comumente classificado como “pré-modernismo”, uma visão que insere as propostas literárias como parciais ou inacabadas e impõe dúvidas sobre qual o lugar das obras e autores desse período.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi uma voz importante que viveu e escreveu durante este período em que o Brasil transitava do Império para a República e depois para a modernidade pautada por confrontos. Lima Barreto constrói uma obra também marcada por tensões e divergências, a começar pela desconfiança e muitas vezes o silêncio de jornalistas e intelectuais. A postura combativa e os textos contundentes do escritor retornam ao século XXI com novos

paradigmas de leitura. Aquilo que em seu tempo foi lido como tema a ser evitado, ressurgiu agora como assunto necessário. Lima Barreto escreveu sobre as instituições públicas, a desigualdade social, o anarquismo, a política, o racismo, o preconceito e tantos outros temas abordados em crônicas ou em personagens de seus contos e romances. A morte precoce em 1922, aos 41 anos, fez com que suas obras ficassem esquecidas por longo tempo. Até mesmo atualmente seus livros acabam sendo inseridos apressadamente no espaço das duas décadas anteriores ao modernismo.

Alguns escritores que viveram na passagem do século XIX para o XX identificaram paradigmas brasileiros que não indicavam uma paisagem natural plácida ou o beletismo literário, apontando para o país como local de contradições. Escritores como Euclides da Cunha (1866-1909) ou Monteiro Lobato (1882-1948) trazem, de maneiras distintas, propostas que merecem uma maior atenção e aprofundamento.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

Seguindo esta direção, a décima quarta edição da *Revista Teresa* (2014) reuniu uma série de artigos em torno do tema: “Entre o XIX e o XX: caminhos da modernidade”. Observa-se nesse espaço temporal uma produção múltipla e de difícil categorização. Se pensarmos especificamente na obra de Lima Barreto, podemos perceber traços modernos que depois se consolidariam nos projetos estéticos de Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954). Conforme veremos, a escrita coloquial e o antiacademismo são exemplos já encontrados na obra barretiana. Nesta mesma edição da *Revista Teresa*, o artigo de Carmem Lucia Figueiredo intitulado “Lima Barreto e o romance: crítica e crise”, investiga em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909) os modos modernos com que Lima Barreto elabora os fios da trama, trazendo um narrador mais atrelado aos paradigmas do século XX.

Na biografia **Lima Barreto: triste visionário** (2017), Lilia Mortiz Schwarcz destaca os deslocamentos do autor dentro da própria literatura brasileira. Schwarcz (2017) aponta para um Lima Barreto militante e plural,

sendo um escritor que viveu uma fase de transformações intensas entre os séculos XIX-XX e estando ele próprio em passagem por pontos distintos de sua cidade natal: “No Rio de Janeiro, Lima Barreto estava por toda parte e sempre em trânsito. Seu ambiente era tanto os subúrbios como as ruas da capital” (SCHWARCZ, 2017, p. 10). A ideia de trânsito pode ser expandida para os próprios acontecimentos no país e no mundo durante o tempo de vida do autor. Na infância, Lima Barreto presenciou os eventos que marcaram a Lei Áurea e a abolição da escravidão no 13 de maio de 1888 (contava então com 7 anos de idade). No ano seguinte, 1889, ocorrem as transições do Império para a República no Brasil. Em 1917 a Revolução Russa derruba o regime Imperial e inicia um período de novas perspectivas, fato acompanhado com expectativa pelo escritor brasileiro.

Nos capítulos deste artigo será conduzida uma análise que tem por objetivo comparar os estudos críticos sobre a obra barretiana, partindo do resgate realizado por Francisco de Assis Barbosa (1914-1991) nos anos de 1950, passando por Alfredo Bosi (1936-2021) e Antônio Arnoni Prado, até chegar na recente biografia escrita por



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

Lilia Schwarcz, sempre colocando em contraponto as visões críticas de cada época. Em muitos tópicos haverá também a análise de trechos de crônicas e romances do autor. Em outros momentos será realizado um cotejo entre as visões críticas, com intuito de mostrar como cada linha ilumina as obras por diferentes ângulos.

As múltiplas vozes de Lima Barreto

Lima Barreto viveu e produziu sua obra por um brevíssimo período. O nascimento do escritor, em 13 de maio de 1881, ocorre exatamente sete anos antes da Lei da Abolição da escravatura no Brasil e sua morte na emblemática data de 1922 (ano marcado pela Semana de Arte Moderna em São Paulo e pelo centenário da Independência do Brasil).

A estreia do autor como romancista foi marcada por diversas tensões. O livro **Recordações do escrivão Isaiás Caminha** é recebido em 1909 de maneira desconfortável por intelectuais e escritores. Na trama, o protagonista é um jovem cheio de sonhos que se muda para o Rio de Janeiro e luta por melhores condições de vida. A questão do racismo e preconceito são temas

discutidos, porém, o que causa controvérsia mais direta são os ataques aos jornalistas. O protagonista Isaiás Caminha consegue um emprego na imprensa por meio do jornal chamado de “O Globo”, os companheiros de trabalho se transformam em seu alvo e a caracterização feita dos personagens na trama se aproxima dos jornalistas com os quais Lima Barreto de fato conviveu nos veículos de imprensa cariocas. Nos anos seguintes o que se percebe é um enorme silêncio sobre os textos do escritor.

A inquieta personalidade de Lima Barreto, junto com suas opiniões contundentes, propostas engajadas e uma literatura por vezes militante, fez com que o autor tivesse sua obra rechaçada na recepção entre seus pares. Em uma carta revelada por Francisco de Assis Barbosa em 1952, vemos uma troca de correspondências entre José Veríssimo e Lima Barreto. O famoso crítico faz um breve balanço sobre **Recordações do escrivão Isaiás Caminha**, destacando os prós e contras na elaboração composicional. É interessante notar que apesar de reconhecer o talento do escritor, José Veríssimo (1857-1916) classifica a obra como personalista, amargurada e



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

excessivamente sincera. Apesar dessa observação não ser propriamente uma longa análise literária, podemos constatar alguns pontos fundamentais que permeiam praticamente toda a percepção e recepção em torno da obra barretiana, isto é, as intempéries das classes sociais exploradas, o estreitamento dos laços entre ficção e realidade e a aproximação entre vida e obra por parte das compreensões da crítica.

De fato, pode-se indicar que Barreto vivenciou a outra face da história, esteve fora de uma perspectiva literária hegemônica, diletante, beletrista que tinha no escritor Coelho Neto (1864-1934), por exemplo, uma das grandes figuras literárias do início do século XX. Nesse sentido, o personagem Isaías Caminha reflete o impacto que o escritor queria causar no cenário brasileiro que adentrava o atarantado republicanismo, período farto de engodos. No livro **Literatura e resistência** (2002), Alfredo Bosi também dedica um capítulo para o romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Sobre a construção do narrador-protagonista, Bosi primeiramente argumenta sobre as ilusões iniciais de Isaías e demonstra suas graduais

frustrações, algo próximo da trajetória de Lima Barreto. Com efeito, há ainda nesta personagem uma evidente ambiguidade que, nas palavras do crítico, o exhibe “ora rebelde, ora resignado, ora desencantado, ora autoiludido, levando a vida entre o jornal, a boêmia e o subúrbio; numa palavra, sem raiz em qualquer grupo social ou político definido” (BOSI, 2002, p. 203). Alfredo Bosi ainda perfaz, ao longo desta análise, uma perfeita costura entre as vozes do poeta Cruz e Sousa (1861-1898) e Lima Barreto, em que o segundo retoma a voz dilacerante do primeiro. O crítico ressalta que, embora um seja poeta simbolista e o outro atue numa prosa realista, ambos conseguiram deixar a marca de suas vozes indeléveis registradas em suas respectivas obras.

As análises de Antônio Arnoni Prado em **Lima Barreto: o crítico e a crise** (1989), também destacam o fluxo e a convergência da vida para a literatura e da literatura para a vida. Arnoni (1989) enfatiza no escritor certos tipos de narradores que não almejam se expressar de maneira empolada, pomposa ou preciosista, como faziam os literatos que distanciavam a academia dos problemas sociais. Na contramão



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

dessa perspectiva, Barreto parece muito mais atrelado com o testemunho cotidiano, os fatos prosaicos, destacando os botequins no lugar das luxuosas cafeterias, o tráfego do subúrbio para o centro e tantos outros espaços que reafirmam a sinceridade e compromisso do autor com o tempo e país em que viveu.

Os assuntos tratados por Lima Barreto em seus textos passam por uma miríade de temas, dos quais seria impossível tratar em um único estudo. Sua múltipla voz tocou desde o racismo, o futebol, o feminismo, o subúrbio, o anarquismo e os estrangeirismos. Sobre este último ponto, vale lembrar que a “Belle Époque” brasileira se deu como uma imitação dos preceitos europeus, isso tanto nas reformas arquitetônicas, quanto na importação de costumes, roupas e formas de se comunicar, sempre visando “ser um outro”. No livro **Bovarismo brasileiro** (2018), Maria Rita Kehl faz uma análise do “bovarismo”¹ como esta insatisfação e abandono de si em busca de um ser externo. A escritora traça um estudo do

personagem Rubião do romance **Quincas Borba** (1891), de Machado de Assis (1839-1908). O professor humilde do interior recebe a herança do filósofo Quincas Borba e resolve ir para a corte almejando “se transformar em outro” através da inserção nas mais altas classes sociais. Nesse sentido, a crítica aos modos afetados da elite brasileira que tenta se perceber como europeia está presente, mesmo que por caminhos distintos, na visão de Machado de Assis e Lima Barreto. Sobre este processo observado no Brasil, Kehl destaca que: “Nas sociedades da periferia do capitalismo, que se modernizaram tomando como referência as revoluções industriais e burguesa europeias sem, no entanto, realizar nem uma nem outra, a relação com os ideais passa forçosamente pela fantasia de “tornar-se um outro”” (KEHL, 2018, p. 30).

Ainda sobre este ponto, a pesquisadora Carmem Lúcia Figueiredo em **Lima Barreto: a ousadia de sonhar** (1997), também enfatiza as contradições amplificadas pelo Brasil no início da República. Se por um lado o país

¹ Termo criado pelo filósofo e psicólogo Jules de Gaultier em 1892. O conceito é advindo do nome da personagem Emma

Bovary do romance *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

havia se livrado do estigma da escravidão que se prolongou até o final do século XIX, por outro sustentava agora o projeto de embranquecimento da população aliado com teorias científicas racistas. Carmem Lúcia Figueiredo (1997) destaca as decisões e rumos na formação de Lima Barreto, mostrando as perspectivas do escritor em face das transformações do país:

Ora, a escolha do autor para sobreviver à crise intelectual, de fracasso do sonho republicano, expressa um *projeto*: trilhar o percurso da Literatura que, perigosa e sedutora, promete saídas a partir da compreensão do imaginário social. Para ouvir as brechas e os interstícios de uma sociedade, de fachada racionalizada e perspectiva conciliadora, que intenta uniformizar seus conflitos, Lima Barreto embrenhou-se, furiosamente, na busca das respostas criativas negligenciadas pelas teorias em moda. (FIGUEIREDO, 1997, p. 372-373)

Nesse sentido, vale também acrescentar que Lima Barreto estava atento para as diversas teorias que circulavam não só no país como no mundo. Nos romances, contos e sobretudo nas crônicas, encontramos um autor

que discute o preconceito, o esporte, a causa operária e as teorias científicas, sempre travando embates que denotam uma análise crítica das ideias em circulação.

Aprofundaremos agora um pouco mais a fortuna crítica de Lima Barreto, com vistas para a observação dos meandros de sua escrita e analisando o projeto literário no período em que o autor já tinha o primeiro romance elaborado.

Comparações entre a fortuna crítica de Lima Barreto

A figura de Lima Barreto passa os anos entre 1922 e 1940 praticamente esquecida pela crítica e pelos autores. Durante a década de 1950, Francisco de Assis Barbosa realiza um enorme levantamento das obras de Lima Barreto que são editadas e lançadas em 17 volumes. Estas edições, encampadas por Caio Prado Jr., que então liderava a Editora Brasiliense, tiveram a apresentação dos textos sob o cuidado de importantes intelectuais como Antonio Houaiss, Sérgio Buarque de Holanda, Francisco de Assis Barbosa, Raymundo Magalhães Jr., entre outros. Assis Barbosa também escreve o livro *A vida de Lima*



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

Barreto (1952), compondo assim um amplo estudo biográfico sobre o escritor. O que se percebe nos anos seguintes é um gradual avanço no número de publicações em torno da obra barretiana. Este ganho ocorre tanto nas publicações e reedições dos textos, quanto nas pesquisas acadêmicas em forma de livros, teses, congressos, seminários, dissertações e artigos.

Ao analisar e comparar os escritos em torno da figura de Lima Barreto, percebe-se que cada pesquisador ilumina a vida e obra do autor com questões de seu tempo. Atualmente nota-se na literatura um crescimento dos estudos decoloniais, o questionamento dos cânones e o aprofundamento das discussões sobre raça e gênero. Nessa esteira, Lilia Schwarcz traz novas perspectivas de leitura sobre Lima Barreto ao compor a mais recente biografia do autor, prestando tributos aos estudos de Francisco de Assis Barbosa e levantando questões que estão na ordem do dia.

Os estudos de Lucia Miguel Pereira em **História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920** (1988), faz

uma breve análise da obra barretiana apontando traços pessoais do escritor e lançando uma série de indagações sobre os textos. Para isso, a autora realizou comparações entre Lima Barreto e Machado de Assis, destacando as diferenças e buscando alguns pontos de contato: “Ambos usaram do romance como da expressão mais espontânea e legítima para traduzir a sua posição em face da vida, o que equivale a dizer que o violento Barreto e o dubitativo Machado precisaram igualmente desse recurso para se realizarem” (PEREIRA, 1988, p. 276). É preciso ressaltar que a leitura de Lúcia Miguel Pereira (1988) tende a conduzir para aproximações por vezes exageradas entre a vida e obra de Lima Barreto, fato que também ocorre na leitura dos escritos machadianos. Na biografia realizada sobre Machado de Assis², por exemplo, a crítica buscou o escritor dentro de seus personagens e seguiu uma linha psicológica calcada em excessos, fato que seria rearticulado mais tarde por Antonio Candido (1918-2017) em **Esquema de Machado de Assis**³.

² PEREIRA, Lúcia Miguel. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1988.

³ Antonio Candido cita Augusto Meyer, Mário Matos e Lúcia Miguel Pereira, apontando o lado positivo das pesquisas e



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

Em que pese as divergências e possíveis semelhanças entre Lima Barreto e Machado de Assis, podemos observar neste último um intelectual incontornável dentro da literatura brasileira. Por exemplo, na crônica escrita em 1919 e intitulada “Uma fatia acadêmica”, Lima Barreto aponta para uma série de influências dentro da obra machadiana e não deixa de salientar seu ranço com os diletantismos e intelectualismos propagados pelos membros da Academia Brasileira de Letras, estes reiteravam a figura de Machado de Assis como principal redentor: “Machado era um homem de sala, amoroso das coisas delicadas, sem uma grande, larga e ativa visão da humanidade e da Arte. Ele gostava das coisas decentes e bem-postas, da conversa da menina prendada, da garridice das moças” (BARRETO, 2019, p. 185). No entanto, vale lembrar que no inventário que Lima Barreto criou para a sua biblioteca e apelidou de “Limana”, havia uma série de obras escritas por Machado de Assis. Observamos assim uma parte da tensão e da relação conflituosa que o escritor travou

alguns excessos: “[...] a preocupação excessiva de buscar na vida do autor apoio para o que aparece na obra ou, vice-versa,

não só com a política e a imprensa carioca, mas também com intelectuais de sua época.

É importante notar que a crítica sobre autores plurais, como o caso de Lima Barreto e Machado de Assis, acaba por se atualizar e iluminar novas perspectivas na obra de acordo com os debates do período em que é realizada. Por exemplo, o termo “personalista”, já visto na carta de José Veríssimo, reaparece nas análises de Lúcia Miguel Pereira (1988): “Foi o temperamento do romancista que se deixou, do meio para o fim do *Isaiás Caminha*, dominar pela atitude personalista de Lima Barreto. E, por isso, tendo elementos e momentos de grande romance, este livro não cumpre o que de entrada promete” (PEREIRA, 1988, p. 293). Esse mesmo caráter visto antes pejorativamente como “personalismo” de um autor que enfatiza e denuncia as suas condições em seu livro de estreia, retorna agora no século XXI como uma voz que se impôs num período em que muitas vozes foram silenciadas e que o autor absorveu e depurou dentro de sua ficção,

utilizar a obra para esclarecer a vida e a personalidade” (CANDIDO, 2008, p. 20-21).



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

como aponta a biografia de Lilia Schwarcz:

[...] se Lima Barreto foi também um grande cronista carioca e das ruas do Rio de Janeiro; sua obra se distingue das demais, sobretudo nesse momento, em razão do tipo de testemunho que ele traz com sua literatura, dos personagens que escolhe como protagonistas, dos enredos que cria, os detalhes que seleciona descrever. Por sinal, ele fez questão de igualmente definir-se como “um autor negro”, para ficarmos com seus termos, e impregnar sua narrativa por outras esquinas desse mesmo país. (SCHWARCZ, 2017, p. 16)

Nesta análise abordada por Schwarcz (2017) é possível complementar alguns pontos sobre a relevância de Lima Barreto se colocar como autor negro. O Brasil na passagem do século XIX para o XX havia abolido a escravidão e contava com uma enorme população negra desabrigada. Não havia recursos e o processo de dependência continuava, alguns adentravam a carreira pública (como no caso de Lima Barreto e seu pai), outros vagavam em busca de trabalho. Para esses últimos, a capciosa modernização das cidades trouxe a construção dos hospícios. Estes locais tinham como objetivo

real a higienização das ruas no lugar da solução de problemas sociais. Na crônica “Manuel de Oliveira”, por exemplo, Lima Barreto conta a história do negro Cabinda que conheceu durante a infância, quando seu pai trabalhava na Colônia de Alienados da Ilha do Governador. O escritor narra a trajetória do escravo liberto que continua trabalhando para o patrão com o intuito de conseguir dinheiro para se casar. Traído pela esposa, começa a vagar pelas ruas do Rio de Janeiro até que é levado para a Colônia de Alienados. O autor conta que parte do que aprendeu sobre a África, suas histórias, suas origens e sua descendência foi por meio da convivência com Cabinda.

No prefácio de 1956 para a edição de **Recordações do escrivão Isaiás Caminha**, Francisco de Assis Barbosa aponta para um Lima Barreto que não se resume apenas na figura explosiva e personalista como lemos nas críticas feitas por Lúcia Miguel Pereira e José Veríssimo. Assis Barbosa preocupa-se em ressaltar na sua análise a elaboração de um projeto literário do autor e um tipo de escrita percebida na fatura do texto que ultrapassa os aspectos



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

caricaturais vistos num primeiro momento:

Engana-se, porém, quem quiser ver no *Recordações do escrivão Isaías Caminha* apenas uma explosão de recalques ou um ataque desabrido de mulato despeitado a certos figurões das letras, do jornalismo e da política. A intenção do romancista foi mais alta. E, muito mais importante que uma caricatura virulenta e impiedosa, é, na verdade, a mensagem humana que se encerra no bôjo da novela. (BARBOSA, 1956, p. 12)

O crítico defende esta ideia de projeto analisando o romance e mostrando trechos do diário pessoal em que Barreto descreve suas intenções enquanto escritor. De fato, a feitura de **Recordações do escrivão Isaías Caminha** ocorre praticamente em consonância com **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá** (1919). No entanto, Lima Barreto opta pelo lançamento do primeiro e ao contrário de uma composição intuitiva podemos perceber neste romance uma construção com preceitos bem delimitados: “Literatura, sim, mas com objetivo certo e definido, estabelecendo entre o escritor e o público, um compromisso, para ajudá-lo a

conhecer não apenas o drama íntimo de cada um, como também as competições, erros e misérias da sociedade em que vivemos” (BARBOSA, 1956, p. 13).

Antônio Arnoni (1989), assim como Assis Barbosa, ao analisar os textos de Lima Barreto busca paralelos não apenas sobre os possíveis objetivos do autor, mas recorrendo também aos embates entre tradição e modernidade para exibir alguns traços da escrita barretiana, que já indicavam essas transformações e confrontos dentro da obra:

Se pensarmos nos três aspectos da oposição ilustrada que no tempo de Lima Barreto forçavam o compromisso com o passado (a linguagem, a resistência ideológica ao novo e a literatura como expressão acadêmica), veremos que ao nível da linguagem o inconformismo se esboça já em 1904, quando o escritor que surgia buscava ainda um lugar de onde falasse, pensando num meio de libertar a própria linguagem das imposições dos modelos consagrados para assim transformá-la em instrumento capaz de conviver historicamente com a realidade em mudança (PRADO, 1989, p. 11).

Seguindo esta mesma linha entre o moderno e o tradicional,



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

observamos já na crítica de Assis Barbosa uma ênfase sobre as tensões que o escritor cria nas fronteiras entre autor e narrador. Se nos dias atuais há uma gama de artistas que levantam questões sobre o centro e a periferia ou a opressão do estado e a violência do sistema carcerário, em Lima Barreto vemos críticas sobre uma reorganização do país que se consolidava de maneira excludente: “Escritor e eminentemente memorialista, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, delimitar em alguns de seus romances e contos as fronteiras da ficção e da realidade, ele anotou, registrou, fixou, comentou ou criticou todos os grandes acontecimentos da vida republicana” (BARBOSA, 1956, p. 15). Nesse sentido, é possível observar a extrema atualidade do escritor carioca, sobretudo se pensarmos na prosa contemporânea de Bernardo Kucinski, Ferréz, Drauzio Varella, Conceição Evaristo, entre tantos outros.

Ainda abordando este tensionamento entre realidade e escrita ficcional, é possível citar a tese “Lima Barreto e a literatura da urgência: a escrita do extremo no domínio da loucura”, defendida em 2007 por Luciana Hidalgo. Nesse

estudo, a autora traz um enfoque sobre o *Diário do hospício*, escrito por Lima Barreto na segunda vez em que ele esteve internado no hospício Pedro II, entre 1919 e início de 1920. Hidalgo (2007) retrata os maus-tratos sofridos pelos internos da instituição, como o recolhimento das roupas, a perda da subjetividade, os quartos e espaços de confinamento, além dos tratamentos precários e por vezes violento. A autora também defende a tese de uma confluência entre a situação do escritor durante o período e seus textos, elaborando o conceito de uma “literatura de urgência”, em que o registro dos diários excede os limites entre vida e obra ou entre ficção e realidade. Há também uma comparação e análise junto aos documentos oficiais da instituição e os escritos de Lima Barreto, para este último é aplicado o conceito foucaultiano da “escrita de si”, visando compreender a forma com que o escritor se constrói diante dos cerceamentos da instituição.

Considerações finais

À guisa de uma conclusão, esta análise pretendeu realizar breve recorte sobre os temas e fortunas críticas da obra de Lima Barreto. Além de trazer à baila alguns dos



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

principais críticos e comentadores do autor, como Francisco de Assis Barbosa, Alfredo Bosi, Carmem Lúcia Figueiredo, Antônio Arnoni, Luciana Hidalgo e Lilia Schwarcz. Houve também a preocupação tanto em comparar as críticas, quanto de fazer a leitura mais detida das análises em certos momentos. Seria possível propor uma série de outras questões e elaborar aprofundamentos em livros, teses, artigos, assim como nos romances, crônicas e contos do próprio autor que não puderam ser aqui abordados.

Como vimos, Lima Barreto foi um escritor combativo, militante e contundente, mas nunca abandonou o cuidado literário na sua construção de narrativas inteligentes e personagens que refletem muito do país na virada do século XIX para o XX. Concordo e sustento o ponto de vista de Francisco de Assis Barbosa, quando o crítico afirma que, embora tenha projetado tantos horizontes possíveis na sociedade em que viveu, Lima Barreto manteve sua fé e convicção na Literatura:

Não há exagero em afirmar que a Literatura era, para Lima Barreto, uma espécie de religião,

que superava por assim dizer o seu agnosticismo. Se acreditava nalguma coisa, era na Literatura, única força capaz de levar a compreensão a todos os homens, criando a Pátria Estética, em que se resumia, afinal, o ideal político, artístico e literário desse grande visionário. (BARBOSA, 1956, p. 20)

O Brasil, aventado pela abolição e mergulhado no início da república, era a imagem de um país que resolveria seus impasses e entraria na tão sonhada modernidade. Nada mais falso e enganoso. O que se observou, de fato, foi uma política excludente em que a alternância de poderes sustentaria a manutenção da desigualdade social. Lima Barreto era um crítico contumaz das elites hipócritas que ostentavam os modismos importados, do jornalismo que cada vez mais se colocava falsamente como “imparcial” e da política de interesses e conveniências. Se Lima Barreto não pôde combater todas as injustiças, que como bem sabemos continuam um século após sua morte, em suas obras deixou as marcas e registros de uma voz que grita e revive em cada nova leitura que se faz dela.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

BARBOSA, Franciso de Assis. **A vida de Lima Barreto**. São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017

BARRETO, Lima. **Toda Crônica**: Lima Barreto. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Raquel. (Org.). Rio de janeiro: Agir, 2004. v. 1 e 2.

BARRETO, Lima. Uma fatia acadêmica. 1919. *In*: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. **Escritor por escritor**: Machado de Assis segundo seus pares: 1908-1939. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **O observador literário**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

Carvalho, R. S. de, & Mello, J. A. (2014). Entre o XIX e o XX: Caminhos da modernidade. **Revista Teresa**, (14), 6-7. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99452>. Acesso em: 10 mai. 2025.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Lima Barreto: edición crítica, Antonio Houaiss y Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores, 1.edición. Madrid; París, México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA, 1997.

Figueiredo, C. L. N. de. (2014). Lima Barreto e o romance: crítica e crise. **Revista Teresa**, (14), 141-166. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99461>. Acesso em: 15 abr. 2025.

HIDALGO, Luciana. **Lima Barreto e a literatura da urgência**: a escrita do extremo no domínio da loucura. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2007.

KEHL, Maria Rita. **Bovarismo brasileiro**. São Paulo: Boitempo, 2018.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 3 Ano II julho/2025
ISSN 3085-7309

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1988.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção: de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**: o crítico e a crise. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ⁱ Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), atua como músico, pesquisador e professor. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (FFLCH-USP). E-mail para contato:

fernando_aulas@hotmail.com